

meu coração durante treze anos! Voltei a escutar o seu silêncio, o misterioso bater das águas contra seus palácios calados e novamente me cercou a sua fidalguia mortal. Fachadas de templos, praças e degraus, pontes e ruelas, com isolados pedestres que apareciam repentinamente, desvanecendo-se em seguida. Gondoleiros correspondiam-se com típicas exclamações. Estava em casa." Neste trecho de Thomas Mann, extraído do volume *Bemühungen*, percebe-se que, para o autor, o conjunto da linda cidade constitui simbiose entre beleza e morte, forma e decomposição, transformada em um símbolo, ao mesmo tempo de elevação e ruína. Veneza significa amor e morte para Gustav Aschenbach, personagem central desta novela. Escritor dos mais reconhecidos, levou até os cinqüenta anos uma existência isolada, abnegada, em que demonstrou posição humana em muito semelhante à que Tônio Kroeger conquistou. Sufocou fortes impulsos naturais em favor de sua obra e consagrou-se exclusivamente a construir no papel a vida e a existência dos outros. Esta vida transformou-o em indivíduo de nervos quase sempre tensos, que procuraram relaxamento no ar sensual e quente de Veneza. Ali, a força primitiva, sufocada durante tanto tempo, rompe finalmente as algemas e provoca a embriaguez que viria a ser mortal. Morte existe já no título da novela, e realmente é ela a deusa que domina esta obra-prima de Thomas Mann.

Ao longo da novela verificam-se diversos encontros, assumindo formas um tanto misteriosas, e em todos êles predomina o símbolo do fim, da decomposição, da morte. Percebemo-lo atrás da máscara do turista desconhecido, que desperta em Aschenbach o desejo de viajar; sentimo-lo no pseudo-jovem, que o escritor observa no barco italiano, um velho o qual, graças a cosméticos o mais sutilmente distribuídos e misturados, conquista uma aparência juvenil; vemo-la no gondoleiro, que dirige sua negra embarcação a um lugar que não estava nas cogitações de Aschenbach, assim como a vemos através do aspecto repugnante do cantor dos

cabelos de fogo. Liga-se êste símbolo à figura de Aschenbach o qual, por ser artista, vive intensamente, sempre à procura de fortes sensações e contínuas emoções. Até então se mantivera à parte, observando os acontecimentos e as sensações humanas tal como Tônio Kroeger, "através de uma porta de vidro". Descrevia-as em seguida, e ao fazê-lo realizava uma ação moral, pois o trabalho exigia "cuidado extremo, circunspeção, penetração e exatidão". Porém, no momento em que êle próprio se viu subjugado pela sensualidade da beleza, perdendo a segurança atingida pela distância, teve de submeter-se a forças muito mais poderosas e, assim, foi arrastado à ruína final.

Benno von Wiese, em primoroso ensaio crítico acêrca de *A Morte em Veneza* relembra os versos de Platen: "Quem a beleza contemplou, à morte se consagrou" e, sob êste ponto de vista, demonstra que a novela em questão defende uma posição oposta a *Tônio Kroeger*. Trata-se aqui de um artista que deseja, embora sem poder realizar o seu anseio, levar vida igual à daqueles que nada sabem da "maldição da arte". Tônio Kroeger tem de ficar atrás de sua porta de vidro, mas isto o enche de profunda melancolia. Gustav Aschenbach ocupou, durante anos, posição idêntica e conseguiu dominar de forma tão completa a sua vontade, que a "porta de vidro" se lhe tornou o natural meio de participação. Depois, porém, rompeu as cadeias que o prendiam à vida metódica e de reconhecido valor burguês e, em conseqüência, é destruído.

A forma de ambos contemplarem a arte como sacrifício, impôsto apenas a alguns, é idêntica, sendo de ressaltar-se que Aschenbach verifica apenas em Veneza que a mestria estilística não é senão tolice e mentira, tal como a honra e a glória. Mas teve de afastar-se de seu meio para chegar a esta verdade, latente em Tônio Kroeger desde os dias escolares, quando procura captar a amizade do invejado Hans Hansen.

Assim como *Tônio Kroeger*, também revela *A Morte em Veneza* alguns traços autobiográficos. Thomas Mann en-